



UEPB

Universidade Estadual da Paraíba

Campus Campina Grande

Centro de Educação-CEDUC

Departamento de História

THAÍS COSTA DE ALMEIDA

**TECENDO AS PALAVRAS E GESTOS DAS PROFESSORAS
PRIMÁRIAS E AUTODIDATAS EM SOLEDADE-PB (1950-1970)**

Campina grande-PB

2019

Thaís Costa de Almeida

**TECENDO AS PALAVRAS E GESTOS DAS PROFESSORAS PRIMÁRIAS E
AUTODIDATAS EM SOLEDADE-PB(1950-1970)**

Trabalho apresentado ao programa de graduação em
Licenciatura plena em História da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de
graduada em História

Área de concentração: História Cultural

Orientadora: Dr^a Maria do Socorro Cipriano

Campina grande-PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A447t Almeida, Thais Costa de.
Tecendo as palavras e gestos das professoras primárias e autodidatas em Soledade-PB (1950-1970) [manuscrito] / Thais Costa de Almeida. - 2019.
65 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Maria do Socorro Cipriano ,
Coordenação do Curso de História - CEDUC."
1. Modelo pedagógico. 2. Comportamentos morais. 3.
Comportamento feminino. I. Título

21. ed. CDD 370.981

THÁIS COSTA DE ALMEIDA

TECENDO AS PALAVRAS E GESTOS DAS PROFESSORAS PRIMÁRIAS E
AUTODIDATAS EM SOLEDADE -PB (1950-1970)

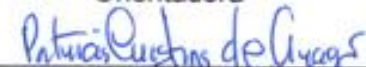
Trabalho apresentado ao programa de
graduação em Licenciatura plena em
História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de graduada em
História

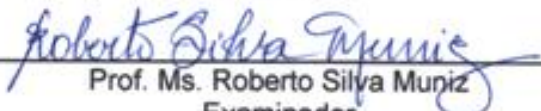
Área de concentração: História
Cultural

Aprovada em 28/06/19

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Maria do Socorro Cipriano / UEPB
Orientadora


Profa. Dr. Patricia Cristina de Aragão / UEPB
Examinadora


Prof. Ms. Roberto Silva Muniz
Examinador

DEDICATÓRIA

Ao meu pai, José Garcia, por ter me criado em humildade e simplicidade e por ter permitido que eu sonhasse.

As professoras da minha vida, com carinho, Socorro Cipriano e Severina de Assis, por terem sido como anjos na minha vida.

Todas elas, personagens de ficção ou mulheres reais, desde as mais remotas épocas, de mãe para filha e de avó para neta, vieram nos bastidores tecendo seus fios, emendando carreiras dando pontos e fazendo nós numa espécie de grande texto coletivo: o tecido da História composto pelas linhas entremeadas das histórias.

(Ana Maria Machado)

AGRADECIMENTOS

A vida é como o mar, que se acalma, se entenece, que vem em tempestades, que às vezes parece que vamos afogar. O MAR é infinito e nós roga uma prece, para não deixarmos afundar, no meio da travessia levamos muitas pessoas, mas não são todas que querem nadar com a gente, algumas vão embora no meio da tempestade, nos abandonando e nos deixando em alto mar.

A meu pai, meus irmãos Alexandre, Sarah por estarem sempre comigo por serem meu porto seguro, pelas risadas, pelas brincadeiras e por cuidarem de mim. A minha irmã Taynara que apesar de não morar com a gente está sempre presente. E a minha mãe quando vivia aqui, quando cuidava de mim.

A minha Orientadora por ter sido uma professora maravilhosa, sempre tão atenciosa, tão carinhosa, tão competente, por toda a paciência durante esse período, pela confiança que me deu na Monitoria, na Extensão e no Pibic, e principalmente por toda essa relação que construímos de tanto carinho uma para com a outra, por ter sempre os melhores conselhos e por ter se transformado em mais do que uma professora na minha vida. Meus sinceros agradecimentos por tudo que fez e faz por mim, e minha eterna gratidão.

Aos demais professores do Departamento de História em especial José Júnior, Adilson, Babi e com carinho a Patrícia Aragão e Roberto Muniz por terem aceitado compor a banca.

A professora Auricelia Lopes Pereira pela confiança durante os dois anos que passei no PIBID.

Ao professor Eriberto Souto meu supervisor no PIBID e na extensão, pelos conselhos, pelo jeito descontraído de ser e pela competência que demonstra em sala de aula.

Aos meus colegas do PIBID, Leonardo, Sivila, Natália Santos, e amigas como Raissa Eutália e Milena Xavier por todo o carinho que me envolveram, e a todos por terem me recebido de braços abertos.

Aos companheiros do Projeto de extensão, Max, Emília que sempre foi uma companheira de jornadas, e a minha companheira de monitoria Milena Dôso, pelas aulas do Absolutismo que demos como verdadeiras rainhas soberanas.

A minha professora Severina de Assis por ter despertado o amor pelas palavras, na esperança de ver seus lindos olhos azuis brilharem para mim outra vez.

Ao meu professor do Ensino Médio José Tiago Marinho por ter me incentivado a fazer história, e pelas excelentes aulas que despertaram a curiosidade de trilhar os caminhos da história da nossa terra.

Aos meus entrevistados por terem me recebido bem em suas casas Ana Pinheiro, Adair Albuquerque, minha vó Zulmira Garcia, Maria Dilce, por terem me emprestado as suas vidas, embora não tenha dado para colocar as entrevistas aqui, tudo começou com vocês que me ajudaram a refletir sobre a história das mulheres de Soledade.

Aos familiares da poetisa Maria da Purificação Borges, Marta Borges e Zineide por terem cedido os escritos inéditos da poetisa.

A Juarez de Góis por ter cedido várias fontes sem as quais esse trabalho não seria possível.

Aos funcionários da Escola Padre José Antônio Maria Ibiapina, onde fiz pesquisa que foram fundamentais para esse trabalho, em especial agradeço a Diretora Suely e a Professora Célia Xavier.

A Antônio grande amor da minha vida, pelo companheirismo e inúmeras demonstrações de carinho, sempre pronto a me ajudar.

A André meu irmão postigo por sempre ter me incentivado a estudar.

As amizades que fiz durante esse período, que seguirão comigo aonde eu for:

Raquel Silva por todos os momentos que vivemos desde o início do curso, por todo o apoio, carinho e por partilhar comigo sempre as melhores músicas.

A Beatriz dos Santos por todas as nossas loucuras, risadas, momentos que vivemos. Conversas teóricas, dicas conselhos, e principalmente por sempre me amparar.

A Natalia Correia por dividir comigo o amor pela arte, pelas imagens. Por nos hospedar em sua casa, pelos presentes, e principalmente pelo carinho e cuidado.

A Fernanda Borges por ser essa pessoa tão maravilhosa por dividir comigo sua vida, por todos os nossos momentos.

A João neto por dividirmos nossas dores, nossas percas, e por ser essa pessoa que excede em chamamos o amor pela história, pela excelência de ser e jamais desistir de viver.

Aos amigos da minha vida:

Yuri pela energia contagiante mesmo sendo 5, 6 da manhã, saiba que a tua presença todos os dias era algo reconfortante.

A Alanna Fernandes, por sempre ser uma amiga presente e disposta a me animar, a brigar por mim, a me dizer que tudo daria certo.

A Franciele Cordeiro pela amizade por ter me acompanhado aos arquivos da Escola Pe. Maria José Ibiapina

Agradeço também a Kelly Almeida por todo o apoio e amizade desses longos anos e a Beatriz Carvalho, Franklin, Tamires Vieira e Moisés.

E quando me perguntarem se tudo isso valeu a pena, responderei com a frase de Fernando Pessoa, "Tudo vale a pena quando a alma não é pequena". A minha alma nunca foi pequena para realizar esse trabalho.

RESUMO:

O trabalho Tecendo as palavras e gestos das professoras primárias e autodidatas em Soledade-PB (1950-1970) pretende investigar sobre como professoras da cidade de Soledade, Estado da Paraíba, contribuíram para formar um modelo pedagógico exemplar para meninos e meninas, alicerçado nas práticas comportamentais morais daquela sociedade, ao mesmo tempo que elas próprias também elaboraram suas identidades enquanto “educadoras”. Para tanto, este estudo pretende analisar como a educação formal e informal se constituía dentro da cidade de Soledade e suas implicações para o comportamento feminino. Na educação formal trilharemos o caminho das escolas Gervásio Bonavides e a escola Padre José Maria Ibiapina, buscando analisá-las partir de um projeto maior da Secretária de Saúde e Educação, que buscava difundir normas de conduta dirigidas aos professores diretores e alunos, no sentido de disciplinarizar seus corpos. Além disso, veremos como para além dessa rede escolar formal, as mulheres que não tiveram acesso a escola inventaram estratégias em seu cotidiano, utilizando o cordel como instrumento de aprendizado.

Palavras chaves: Professora; Ensino; Moral; Educação

ABSTRACT

This work is talking about words and gestures of the women professors in Soledade-PB (1950 – 1970) pretending do a investigation about: How these women professor from de city of Soledade, Paraíba State, contributed to the creation of an exemplary pedagogical model for boys and girls, based in the comportamental and moral pratics of those society, in the same time, these women professor elaborated their intendities like educators. So this study intend demonstrate how the formal and infomal education have your formation inside of the city of Soledade and their consequences for the woman comportament. On the formal education ours ways stayed in the Gervásio Bonavides School and in the Padre José Maria Ibiapina School, thinking about this, we studied a Project from the Srecetery of health and education, this project was looking for teaching standards of conduct for all people fo these school, and this had the sense of impose discipline under their bodies. Besides that we can see the trajectory about others women, because, they did not have the opportunity to go to school and after that they did the education in their own way, using cordeis for to learn.

KeyWords: Women Professor, Learn, Moral, education

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Rainhas da Festa de Pavilhão.....	33
Figura 2-Turma fundadora da Escola Gervásio Bonavides.....	37
Figura 3- Turma concluinte da Escola Gervásio Bonavides.....	38
Figura 4- Turma concluinte da Escola Gervásio Bonavides.....	38
Figura 5- Turma concluinte da Escola Gervásio Bonavides.....	39
Figura 6- Primeira Eucaristia de Ronaldo Pinheiro.....	48
Figura 7- Ana pinheiro na frente do Centro de Treinamento em Sousa.....	49
Figura 8- Professora Ana Pinheiro e suas colegas no Centro de Treinamento de Sousa.....	49
Figura 9- Professora Ana Pinheiro e suas colegas no Centro de treinamento de Sousa.....	51
Figura 10- Professoras do centro de treinamento de Sousa.....	51

SUMÁRIO

Introdução.....	14
Os caminhos de uma pesquisa apaixonada.....	14
Capítulo I: MULHERES E A EDUCAÇÃO.....	22
1.1– O Ensino, História e Mulher.....	23
1.2- Os “Anos dourados” e a Educação moral da época.....	26
1.3-Na rede das profissões permitidas, o magistério como trabalho de mulher.....	26
Capítulo II - A ESCOLA E A DISCIPLINARIZAÇÃO DO CORPO FEMININO E AUTODIDATAS.....	32
2.1 Educação formal: Escola Comercial Gervásio Bonavides.....	38
2.2- Escola Pe. José Antônio Maria Iapina.....	42
Capítulo III: REPRESENTAÇÕES FEMININAS: MULHERES PROFESSORAS E AUTODIDATAS	46
3.1- Sobre as professoras.....	47
3.1.1-Ana Pinheiro.....	48
3.2-Representações femininas: Mulheres Autodidatas.....	55
3.2.1-No meio do caminho tinha uma poeta: Maria da Purificação Borges Ramos.....	57

Considerações finais.....62

Referências..... 60

Introdução

1.1 Os caminhos de uma pesquisa apaixonada

*Onde será que isso começa
A correnteza sem paragem
O viajar de uma viagem
A outra viagem que não cessa
Cheguei ao nome da cidade
Não há cidade mesma espessa
Rio que não é rio:
Essa cidade me atravessa*
Adriana Calcanhoto

Ao iniciar este trabalho com uma parte da música “Essa cidade me atravessa¹” de Adriana Calcanhoto, começo a pensar em como somos atravessados por todas as coisas que nos rodeiam, pelas pessoas, pelos lugares, pelas palavras, pela memória. Somos atravessados por tudo isso à medida que vivemos, à medida que as coisas que nos rodeiam vão-se materializando em nós e nos (re) constrói, nos transforma. Desse modo, foi estudando as práticas pedagógicas das professoras primárias na cidade de Soledade, que também me reencontrei com a cidade.

O caminho que escolhemos traçar para uma pesquisa se relaciona com quem somos enquanto profissionais, mas também enquanto pessoas, ou seja, com os ideais que vamos definindo em nossa caminhada e também se relaciona com os nossos sonhos. Os sonhos sempre percorreram a minha vida: sonhos miúdos, gigantes, gentis, sonhos que vão transformando também a pessoa que sou, me ensinando a ter esperança.

Quando eu era criança, sonhava muitas vezes acordada e, em minhas fantasias, sempre como a heroína das pessoas que eu amava. Sonhos e outras histórias que se misturavam em minhas tristezas e alegrias... De certo modo, enquanto estudante, fui vendo as professoras que passaram pela minha vida como “segundas mães” também pelos afetos que estas me dedicavam: abraços dados em dias em que precisei de um; cuidados e carinhos por elas oferecidos, que iam além de suas “obrigações” de sala de aula. Hoje,

¹ Essa música foi composta por Caetano Veloso, sendo reinterpretada por outros cantores como Adriana Calcanhoto, Belchior e Maria Betânia.

exercitando o meu ofício enquanto historiadora, reflito sobre como aquela imagem da professora maternal, baseada na candura e na docilidade dedicados aos seus alunos e que elaborei em minha memória de infância, constitui o imaginário cultural, que ainda perpassa a prática pedagógica das professoras até hoje.

Assim, em cada página deste trabalho há um pouco do que sou: desde a *ser* atravessada por uma cidade ao *ser* atravessada pelas paixões que encontrei durante o meu (per)curso: cidade, gênero, imagem fotográfica, professoras, autodidatas, tudo que amei encontra-se aqui. Por isso, também lembro aqui das palavras de Ítalo Calvino (p.7), em sua obra *As cidades invisíveis*, ao se reportar sobre a relação cidade e memória, ele afirma que ela é feita das “relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado”.

O objetivo deste trabalho é investigar histórias de mulheres, especialmente das professoras primárias, ligadas ao ensino formal e informal e suas articulações com a elaboração de uma certa educação moralizante para a cidade de Soledade, entre 1950 a 1970. Nessa perspectiva, tentarei articular as construções culturais que relacionam o magistério feminino e a sensibilidade maternal no período, investigando também algumas dessas experiências de professoras e escolas no âmbito dessa problemática.

Naquele período, a cidade passava por uma experiência marcada pela convivência de ritmos e técnicas consideradas modernos, sob o desejo de se assemelhar às grandes cidades da época. Assim, busco perceber a educação formal e informal nessa época, traçando um pouco da constituição da rede escolar da época, evidenciando professoras e mulheres autodidatas a fim de perceber como tais práticas educacionais influenciaram os comportamentos dessas mulheres. Tal como um tecelão, esses fios conduzirão essa história, para vislumbrarmos como essas mulheres foram pensadas, imaginadas, moldadas e sonhadas.

Esta análise sobre as mulheres e sua relação com o ensino na cidade de Soledade pode vir a elucidar, não somente como professoras primárias contribuíram para a formação de uma moral para a cidade, alicerçada nos bons costumes, como também para melhor compreendermos as práticas femininas que subverteram o campo institucional do ensino enquanto lugar legítimo para

educar/formar e criaram regras próprias para “aprender” e “ensinar”. Nessa perspectiva, interessa-nos indagar: quem eram e quais as formações dessas professoras que atuavam no ensino primário da cidade? Como eram produzidas as imagens dessas profissionais ao serem relacionadas com as condutas aceitas pela comunidade? De que forma as imagens das professoras primárias foram associadas às narrativas que positivaram a história da cidade?

Escrever sobre as histórias das professoras de Soledade, no contexto das primeiras décadas da segunda metade do século XX, é também dar visibilidade aos espaços edificados por mulheres na constituição de seus ofícios do *ensinar* e ao mesmo tempo do *aprender*, imersos naquele contexto. É construir memórias através dos pequenos eventos do cotidiano, que poderiam se perder no tempo. Um tempo gasto entre a preparação dos alimentos e a preparação das aulas, tempo entre a limpeza da casa e os ligeiros passos pelos caminhos estreitos e ruelas até chegar às escolas longínquas. Significa dar sentido às muitas existências; significa também um olhar para a história de uma cidade, colocando agora as mulheres como centro dessa análise, para nos dizer algo sobre o passado; algo sobre a história da educação e, principalmente sobre modelização dos corpos.

Narrar a história das mulheres soledadenses é contribuir também para uma escrita que legitime a presença feminina na Histórica, é evidenciar memórias que poderiam ser perdidas. Significa dar razão às muitas existências e também encorajar novos trabalhos sob outras perspectivas acerca das mulheres. Ao olhar para a história de uma cidade, colocando as mulheres como centro dessa análise, pretendo pensar a cidade não apenas do ponto de vista da sua economia, da sua política, do seu suposto desenvolvimento urbano, mas fazer novas perguntas. Principalmente pretendo questionar sobre o leque de participação feminina na história da cidade.

No caso da Educação, busco traçar as armadilhas, dificuldades e escolarização dos corpos, pelas quais essas mulheres passaram.

O olhar e a memória caminham de mãos dadas. Trabalhar com a memória na perspectiva da historiografia libertária é reler o passado para reinterpretar nossa história do lado dos oprimidos. Nesta tese, esse gesto de olhar para trás busca problematizar algumas lacunas da história oficial sobre a presença das

mulheres no campo da educação e da literatura através de um olhar não-natural, mas construído com a intenção de dar existência e visibilidade a tais presenças (SALES, 2005, p.27).

Segundo Ana maria Coutinho de Sales (2005), a memória e o olhar se entrelaçam, pois é preciso rebuscar o olhar, limpar os olhos para ver e compreender, assim como problematizar a falta de escritos que contemplem a mulher e valorize suas memórias. Desse modo, quando o historiador se utiliza dessa fonte histórica, ele também faz história. Pois, como afirma Henry Rousso², a memória é uma representação do passado, mas não é algo isolado. Pois, tendo características da vida social, dos valores culturais da memória coletiva^[OBJ:OBJ], nos possibilitando a reflexão de como essas mulheres carregavam em suas vidas os valores da época.

Metodologicamente, para pensar o lugar do magistério feminino, entendendo principalmente como essas mulheres serão inscritas no âmbito da construção de uma moral para a cidade de Soledade, busquei um diálogo com a História Cultural. Baseados também no teórico Michel de Foucault³, buscaremos entender o que esse autor chama de disciplinarização dos corpos, pois a disciplinarização ocorre de modo em que se formata o indivíduo por meio de inúmeras lugares, assim como formata pessoas, buscando entender como as professoras vão ter seus corpos, suas vidas submetidas; corpos disciplinados para atender a objetivos maiores, visando atender aos interesses do Estado da Paraíba, ou seja, ao que correspondia um modelo ideal de professora.

O Estado da Paraíba durante as décadas de 1950 e 1970, buscava cada vez mais engendrar um projeto educacional para diminuir o analfabetismo, melhorando a estrutura das escolas paraibanas. Nesse sentido a Educação formal será aquela alicerçada na escola, através da qual as professoras são as

² Ver Rousso (2002), capítulo "A memória não é mais o que era" no livro **Usos e abusos da história Oral**, organizado por Marieta de Moraes e Janaína Amado.

³ Ver Vigiar e punir, Segundo Foucault: "Controle disciplinar não consiste simplesmente em ensinar ou impor uma série de gestos definitivos; impõe a melhor relação entre um gesto e atitude global do corpo, que é a sua condição de eficácia e de rapidez. No bom emprego do corpo, que permite um bom emprego do tempo, nada deve ficar ocioso ou inútil: tudo deve ser chamado a formar o suporte do ato requerido. Um corpo bem disciplinado forma o contexto de realização do mínimo gesto."(FOUCAULTp.187)

condutoras desse processo. Mas, para adentrarem em sala de aula também serão cobrados delas uma postura íntegra, deverão se tornar o exemplo de conduta moral a dar bons exemplos aos alunos e a toda sociedade. Nesse sentido, buscamos problematizar como foi construído esse discurso *moralizante* para as professoras.

No sentido de entender a educação informal da época e as múltiplas formas como esse projeto é burlado, é preciso dialogar com Michel de Certeau (2014). Tal referencial nos ajuda a entender como as mulheres autodidatas burlaram as normas em seu cotidiano, reinventando o lugar institucional do saber e criando alternativas para alcançar aquilo que elas entendiam ser o conhecimento.

As mulheres autodidatas tiveram como principal meio de aprendizado, para juntar os símbolos e tentar ler as palavras, através de folhetos de cordel. Segundo Maria De Oliveira Galvão (2010), o folheto foi um importante instrumento de alfabetização de pessoas, que não tiveram a oportunidade de ir à escola.

Quanto ao procedimento em relação às fontes, seguirei as diretrizes da História Cultural, elas serão analisadas enquanto textos, perpassados por discursos de poder. Especialmente no sentido de pensar a historicidade dos discursos acerca do tema proposto e que perpassam as fontes, este estudo também tomará as fotografias, poemas e “Circulares”⁴ e Relatório Oficial do Governo do Estado (Mensagem de José Américo) sob esse mesmo direcionamento: indagando-as, problematizando-as, por entender que elas foram elaboradas sob a perspectivas das relações de forças e num dado contexto histórico.

Como afirma Sandra Jatahy Pesavento (2005), a partir da virada dos anos 70, o historiador pôde contar com diversidade de fontes para realização do seu trabalho. Nesse sentido, para analisar as fotografias referentes ao tema desta pesquisa, seguiremos a perspectiva dentre outros, a de Maria Elisa

⁴ Os Circulares eram enviados a inspetores das escolas para garantir o bom funcionamento da escola, vigiar o comportamento dos funcionários, garantindo assim o bom funcionamento das instituições de Ensino.

Linhares Borges (2011, p.81), ao descrever a fotografia como ‘fragmento do real que nos chegam por meio das intenções implícitas e ocultas, voluntárias e involuntárias’, ou seja, a fotografia será analisada não como a realidade propriamente dita, mas como uma representação da época, forjada sob determinado ângulo para atender a critérios estéticos da época.

Aqui o diálogo com a historiografia sobre o tema também servirá como base para pensar o tema desta pesquisa. Para além dos referenciais historiográficos no âmbito mais geral⁵, as produções locais também serão problematizadas. Um desses trabalhos é a obra *Malhada das Areias Brancas* (1974), do memorialista Inocêncio Nóbrega Filho, enquanto apoio para a problematização desta pesquisa. A importância dessa obra é, principalmente, por ser uma referência acerca do discurso fundador da cidade de Soledade, estabelecendo relação com vários acontecimentos e personagens considerados importantes para a cidade.

Outro trabalho de subsídio importantíssimo para este estudo é a monografia de José Tiago Marinho (2010), que analisa os aspectos do moderno em Soledade da Belle Époque aos chamados *Anos dourados*. Além de ajudar nesse percurso do caminho que Soledade estava tomando, a de ser uma “cidade moderna”, sua pesquisa também se apresenta enquanto um trabalho que aponta para novas problemáticas sobre a cidade.

Portanto, considerando tais questões, este trabalho está organizado da seguinte forma: no Capítulo 1 - contextualizaremos os valores morais das mulheres na década de 1950, para entender tais valores que alicerçavam o comportamento feminino perpassavam os lugares estabelecidos para a profissão de professora, entendendo que esta era uma das profissões permitidas para as mulheres. Também serão analisados o magistério feminino e suas relações com a *sensibilidade maternal*, consolidados a partir da construção da modernização da cidade e como uma prática de extensão do lar.

No Capítulo 2 - Trataremos um pouco da história da cidade de Soledade e um pouco da história da Educação do município de Soledade, apresentando

⁵ Dentre outros autores, Guacira Lopes Louro(2018), Ana Maria de Oliveira Galvão(2010),, Michele Perrot (2017), Valéria Aparecida Lima(2009), Andrea Lisly Gonçalves(2015).

antigos núcleos educacionais, enfatizando a Escola Comercial Gervásio Bonavides, dando destaque a fotografias dessa escola e o papel da Irmã Ana de Nazaré para sua efetivação. Além disso buscaremos mostrar as práticas pedagógicas da Escola Padre Maria Ibiapina e suas relações com as Circulares, enviados pela Secretaria de Educação e Saúde da Paraíba, que contribuía no desempenho e construção de um modelo para as professoras primárias.

No Capítulo 3 – Finalmente, no sentido de entender essa complexa experiência do apreender e ensinar articulada à história da cidade, investigaremos experiências de mulheres que foram alfabetizadas fora dos espaços da escola formal, sendo autodidatas que aprenderam a ler sozinhas, burlando através de Estratégias a sua realidade, não sendo meras consumidoras do que a vida lhes oferecia, para usar um conceito de Certeau (2014). Dessa forma trataremos da história da poetisa Maria da Purificação Borges Ramos, através de poemas escritos por ela, veremos as dificuldades enfrentadas para se alfabetizar.

Capítulo I: Mulheres e a Educação

Capítulo I: Mulheres e a Educação

1.1– O Ensino, História e Mulher

Segundo Guacira Lopes Louro (2018, p. 12), "através de processos culturais, definimos o que é ou não cultural." Definir algo como pertencente a cultura é dizer-lhe que tais manifestações culturais, como palavras, e gestos são compartilhados por um grande número de pessoas e que essas pessoas se identificariam com estes signos. Sendo assim, o meio cultural se encarrega de deter o que seria aceito ou não, o que é visto como natural ou fora dos padrões considerados corretos.

Dessa forma as mulheres na história foram vistas por papéis considerados adequados para a sua natureza, culturalmente foram alicerçados a partir do ser mãe, boa esposa e dona de casa ficando com as tarefas consideradas mais frágeis:

Quando restrita a seu papel tradicional de dona de casa e mãe, limitando sua atuação, portanto ao espaço doméstico ela revelaria a fase benfazeja da bipolaridade intrínseca a natureza feminina (PERROT,2017 p. 49)

Nessa citação, a autora argumenta como a mulher, em seu papel tradicional, se reclusaria no espaço doméstico, pois havia o perigo da mulher mostrar outras faces. Essas outras faces seriam a do mundo do trabalho, do saber, da independência feminina e da conquista das rédeas do destino. Experiências de mulheres atuantes fora das profissões permitidas pela sociedade ocidental sempre foram consideradas perigosas para a ordem vigente, desde os tempos mais remotos. Mesmo século XIX, via-se como sendo perigosas as mulheres adquirirem uma profissão, pois exercício de um trabalho fora do âmbito doméstico era considerado inconciliável com as tarefas de dona de casa e cuidado com os filhos.

Se formos mais longe nas linhas que percorrem a nossa história, veremos que historicamente as mulheres foram julgadas inferiores em relação ao sexo masculino, como desprovidas de possibilidades de trabalhar, de exercer uma profissão e de serem independentes. Segundo Felipa Lowndes

Vicente (2005), a própria história seria construída favorecendo uns esquecendo outros, como por exemplo na História da Arte, que explicita como a própria escrita encarregou-se de esquecer a arte feminina. Desse modo, a historiografia encarregou-se de construir preconceitos em relação ao estudo das relações de gênero e da história das mulheres.

O “silenciamento” que existiu por muito tempo na historiografia acerca da história das mulheres se deve também pela ausência de fontes que possam subsidiar uma escrita. Como nos diz Michele Perrout (2017, p.17), "As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou matérias. Seu acesso a escrita foi tardio."

Como atesta a autora, as mulheres não deixaram muitas fontes escritas sobretudo porque o acesso a escrita, a educação pelas mulheres, foi algo que não aconteceu rapidamente, sendo decorrente de um lento processo. Essas dificuldades ainda persistem em nossa contemporaneidade também devido ao pouco cuidado em relação aos acervos, ao exemplo de cidade como Soledade, onde a noção de patrimônio ainda contempla a história oficial⁶.

A historiografia das últimas décadas vem rompendo esses entraves, construídos ao longo dos séculos, cristalizadas por uma sociedade sempre guiada culturalmente pelo olhar masculino. Desde as sagradas escrituras do cristianismo, desde os filósofos antigos como Aristóteles se dedicaram a pensar numa suposta interiorização feminina ao gênero masculino⁷.

Diante disso, ainda é necessário refletir sobre o diz Michele Perrot (2017): “As mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas.” (2017, p.17). Ou seja, as mulheres são sempre vistas a partir do olhar do outro, de estereótipos construídos sob suas vidas, sobre seus caminhos, sobre sua história. Sendo preciso entendê-las partindo um pouco para o que elas são e não pelo que acham que elas sejam sendo preciso a valorização de suas memórias.

⁶ Na cidade de Soledade carecem-se de fontes que se perderam ao longo do tempo, assim como nos arquivos de Escolas faltam-se documentações importantes que tenham informações acerca da fundação das escolas, o que surge como uma dificuldade para realização desse trabalho.

⁷ Nas sagradas escrituras do cristianismo muitos apóstolos enfatizaram a criação do homem, enfatizando Eva, como uma segunda criação divina, e se assim o seria, caberia a mulher aceitar a interiorização frente ao homem, que teria sido a criatura que teria sido criada primeiro e assim sendo assim superior.

A memória é a vida, sempre carregada de grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e eterno presente; a história uma representação do passado. (NORA, 1993, p.9).

Como uma das minhas fontes são as escritas de uma poetisa, registradas em um Blog, acredito que este recurso pode ser entendido enquanto espécie diários da vida moderna, pois tais relatos podem contribuir para a memória das experiências dessas mulheres. Através da memória podemos vislumbrar a vida, as cores, as dores e os clamores de quem viveu nesse período; através das lembranças, das fotografias, dos rastros, das pegadas que vão sendo deixadas, que às vezes são esquecidas, mas que podem ser decifradas (re) vividas e problematizadas pelo historiador do presente. Pois, ao dirigir-se ao passado, o historiador transita pela vida de pessoas, pelos espaços do “morto” e pelos espaços da vida, indo do presente ao passado e construindo uma representação do passado.

Para Durval Muniz de Albuquerque Júnior(2006), a memória não deve ser trabalhada como algo isolado, como algo individual, mas sim percebê-las como algo múltiplo, diverso e heterogêneo e que se relaciona com as vivências, pois

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que está ponto de vista muda conforme o lugar que ocupo, e que mesmo este lugar muda segundo as relações que mantenho com os outros meios.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, p.2)

Ou seja, a memória individual por estar inserida no meio social carrega muitos valores, muitos traços da memória coletiva. Sendo assim, ao trabalharmos com a história das professoras primárias e autodidatas na cidade de Soledade, iremos perceber como se arquitetava a educação formal da época e como essas professoras eram sentidas, como seus corpos eram disciplinarizados, como eram vistas pelo imaginário cultural e quais os valores que estavam intrínsecos à docência feminina.

Percorrer os caminhos que arquitetaram a figura da mulher como professora primária nos leva a caminhar pelos espaços que permitiram a feminização do magistério. Segundo Guacira Lopes Louro no final do século XIX as mulheres passaram a ocupar os bancos das salas de aula enquanto a voz de Nísia Floresta ecoava pelo Brasil desde a segunda metade do século, para que se educasse as mulheres. Seguido esse ritmo as mulheres ganhariam espaços para se tornarem mais tarde no século XX, sob o argumento de que as mulheres possuíam atributos como “amor e sensibilidade” considerados inerentes às qualidades femininas.

1.2- Os “Anos dourados” e a Educação moral da época

Após a segunda guerra mundial, o Brasil viveu um período de grande desenvolvimento comercial e um grande processo de urbanização. As mulheres já tinham conquistado um espaço considerável na sociedade dos chamados anos dourados, mas ainda havia muito a ser conquistado.

Nesse período, as mulheres se deparavam com normas de conduta que as nomeavam e influenciada o seu comportamento. Os principais influenciadores para a classe média, eram revistas, ao exemplo do *Jornal das moças*, que circulou de 1914 a 1965. Este divulgava a moda e manuais de conduta, em circulares de escolas, que difundiam discursos para disciplinarizar o corpo feminino, que eram lidos por professoras e ajudava a construir seu comportamento em sala de aula.

A imprensa voltada para a mulher, dava conselhos de como estas deveriam se comportar na sociedade, do que deveriam escolher como marido, de como deveriam pautar suas vidas, de como tinham que frear seus impulsos e desejos em nome da honra e da moral vigente, que tinham como valores o casamento e a imagem feminina como uma verdadeira “rainha do lar”.

Para se casar nos anos 50, a moça deveria ser pura, doce, ser “prendada” nas atividades domésticas, ao exemplo de cozinhar com esmero. As mulheres eram educadas para o papel esperado pela sociedade, para serem boas mães, boas esposas boas donas de casa. Parecia que esse destino já estaria traçado desde a infância, quando elas representavam esses papéis nas brincadeiras de “casinha”, “boneca” e “fogões”.

Coloca-se uma boneca nas mãos de uma menina desde praticamente quando nasce. As bonecas, suas roupas, seus cuidados são inculcados inconsciente, constantemente, durante toda a vida de uma menina recebem, bonecas, panelinhas, fogões liquidificadores, aparelhos de chá máquinas de lavar, ferros elétricos...(MORGADO, 1987,p.)

Mesmo sendo casados, os homens tinham direito de desfrutar da sua sexualidade com qualquer mulher e quantas ele quisesse. Diferentemente da mulher, o homem não era julgado, entendia-se que seu comportamento era atribuído ao seu extinto masculino - tido como “natural” - e a este não era aconselhado casar com alguém que não cumprisse as normas da sociedade, pois à mulher cabia ser honrada.

Se não fosse uma moça de família que seguisse os valores impostos, principalmente o de ser virgem, ela poderia ser descartada. A virgindade era o selo da pureza e honestidade da moça: “A noção de virgindade ultrapassava em muito os limites físicos da membrana hímen” (PRIORE, Mary Del.org p.293,2007).

Percebe-se, portanto, que “Há uma moral para as mulheres, altamente restritiva e preconceituosa, e outra para o homem, a liberdade inclusive e principalmente a sexual” (MORGADO, p.8 ,1987.)

Mas, desde o século XIX, a Nísia Floresta argumentava que a mulher possuía direito à educação e a cultura. Nos anos de 1960, vislumbramos a consolidação do movimento feminista, que abrindo mais leques de possibilidades para a mulher, permitiria a quebra de correntes e elas puderam questionar mais diretamente a submissão tanto aos homens quanto as próprias regras impostas pela sociedade.

O movimento feminista foi muito importante por dar mais autonomia as mulheres, e é o resultado de muitas lutas históricas, no entanto elas continuaram a servir de base para construir a moral de uma sociedade alicerçada nos bons costumes. Além disso, temos que levar em consideração que o ajuste das mulheres ao movimento não foi algo que aconteceu de forma homogênea, pois transitamos pelo território das mentalidades, que vai além do que as datas, cortes e emergências de movimentos possam nos explicar.

Mesmo com um mundo onde o feminismo tenha aberto suas asas, muitas permanências e continuidades podem ser observadas no pós 1960. Pois a mentalidade não é algo que se rompe com facilidade, ela não se desconstrói por inteiro ela vai e vem num movimento em que transitam a cultura, que lança a todo tempo seus rituais, suas normas de conduta para os transeuntes.

1.3-Na rede das profissões permitidas, o magistério como trabalho de mulher

Normalista

*Vestida de azul e branco
Trazendo um sorriso franco
No rostinho encantador
Minha linda normalista
Rapidamente conquista
Meu coração sem amor
(...)
Mas, a normalista linda
Não pode casar ainda
Só depois que se formar...
Eu estou apaixonado
O pai da moça é zangado
E o remédio é esperar*

Benedito Lacerda e David
Nasser (1958)

Começamos com a música *Normalista*⁸, eternizada pelo cantor Nelson Gonçalves, a qual nos possibilita algumas reflexões acerca da imagem da professora na segunda metade do século XX. Pois, pelas palavras do cantor, a farda “azul” e “branco” da estudante torna-se representativa de um corpo de candura e de pureza, ou seja, qualidades que deveriam emoldurar o corpo feminino da época. Certamente essa imagem da jovem estudante e futura professora também era comungada pelos contemporâneos da pequena cidade de Soledade, no Estado da Paraíba, no período que corresponde este estudo. Resta-nos entender, como esse modelo desejado de pedagoga se constituía no cotidiano escolar.

Segundo Silvia Favero Arend (2013), no início do século XX, as meninas bem de vida começaram a frequentar o curso primário, secundário, internados,

⁸ A canção “normalista” foi composta por Benedito Lacerda e David Nasser, sendo cantada pelo cantor Nelson Gonçalves em 1958.

externatos, as que não tinham dinheiro quando conseguiam acesso à escola era quando elas eram mistas dividindo os bancos com os irmãos do sexo. No século XIX a educação feminina começou a ser vista como uma necessidade para a mulher por torná-la mais culta, por torná-la melhores mães e melhores esposas

Defendeu-se a educação diferenciada, porque as mulheres eram tidas como menos inteligentes e mais frágeis que os homens. Incluiu-se Economia doméstica porque “a mulher é Rainha do lar”. Criticou-se a escola mista por ser “promiscua”. Estimulou-se a formação de professoras porque elas, “verdadeiras mães”, tem “vocaçãõ para o sacerdócio” que é o magistério. (AREND, 2013 p.338 e 399)

Vemos que a educação da mulher deveria ser diferente da do homem, pautada em estratégias que melhorassem a vida da família, dos filhos, do esposo, da organização da casa. Além disso, o espaço da escola deveria existir ser preferencialmente longe do sexo masculino.

No século XX, uma das profissões que serão aceitas na sociedade brasileira é o magistério, pois segundo Guacira Lopes Louro (2014), as mulheres vão ser consideradas dignas para essa profissão por possuírem atributos como o amor e a sensibilidade, considerados inerentes a sua natureza. Ainda segundo a autora, ser professora passa a ser vista como uma extensão da maternidade, e os alunos, como verdadeiros filhos.

Especialmente, “ser professora” era uma dessas profissões que se aproximava da maternidade, à medida que agregava as características de gentileza e docilidade que as professoras deveriam ter ao lidar com os alunos. Em sua prática pedagógica, as professoras primárias tinham dificuldades para separar o eu-pessoal e o eu-profissional. Como afirma Valeria Aparecida Lima (2009), elas não conseguiam separar os espaços do magistério da maternidade, onde o privado e o público se cruzariam.

As professoras ensinam palavras, ensinam a ler e a contar; divulgam as regras a serem cumpridas, apontam para o que se deve “melhorar”. Se os alunos estão cabisbaixos, se alguém se machuca ao brincar, elas estão ali como se fossem mães a lhes ajudar a levantar. Como não enxugar as lágrimas de seus alunos? Afinal, é o que esperar de uma professora primária? Muitos

vão à escola e encontram nas professoras o carinho que não possuem em casa. São também essas relações de afetos que construíram a imagem da *mãe-professora* dentro da nossa cultura.

Se as professoras seriam como flores a colorir a vida, a mostrar todo um infinito de possibilidades de aprender, de mudar de reinventar, elas teriam espinhos? O que seria os espinhos desses corpos? Os espinhos são concebidos como uma parte que machucaria que as tocasse, penso nos espinhos das professoras primárias como sendo toda a vigilância exercida sobre seus corpos, sobre suas práticas pedagógicas que limitavam muita das vezes o desabrochar de uma rosa que gostaria de exalar o melhor da vida, o melhor do que somos. A professora enquanto uma flor seria desenhada sob esse modelo com os traços mais perfeitos e simétricos que poderiam existir. Como essas flores passaram a ensinar? Como seus corpos foram disciplinados?

Capítulo II - A ESCOLA E A DISCIPLINARIZAÇÃO DO CORPO FEMININO

Capítulo II - A ESCOLA E A DISCIPLINARIZAÇÃO DO CORPO FEMININO

No presente capítulo discutiremos um pouco da história da educação do nosso município, apresentando escolas e núcleos educacionais que existiram e tiveram uma efêmera duração, até chegamos a contar um pouco do Colégio Comercial Gervásio Bonavides, e sua contribuição para o município de Soledade ressaltando o papel exercido pela Irmã Ana de Nazaré. Trataremos também da Escola Pe. José Antônio Maria Ibiapina, investigando como foi se construindo uma moral para as professoras primárias sob como deveriam se comportar, alicerçados em Circulares que eram enviados pela Secretaria de Educação e Saúde da Paraíba.

Soledade está localizada no Curimatáu⁹ paraibano próximo à cidade de Campina Grande, ligando as cidades do sertão paraibano. A fundação da cidade de Soledade está relacionada com processo de higienização pela qual passou a Paraíba no século XIX, quando se construiu um cemitério onde hoje é a cidade¹⁰. Diante do surto de cólera ocorrido na época, era preciso livrar os espaços desse perigo e como medida higienista, começaram se a construir cemitérios em localidades distantes.

Mas, no século XX, aquela terrível história estava sendo soterrada por outras mais alegres. Aquela pequena vila se transformou em cidade foi mirando o sonho da modernidade¹¹. Segundo Tiago Marinho Pereira (2010), a cidade pode sentir os efeitos da Belle Époque e dos anos dourados. Para este, a Bella Époque foi caracterizada pela emergência da luz elétrica, do trem, do telégrafo. Nesse sentido, podemos ver a chegada da luz elétrica na cidade e o desejo que seus habitantes tinham de ser modernos buscando se assemelhar a grandes cidades do período, como João Pessoa e Campina Grande.¹²

⁹ Apesar disso o povo Soledadense se identifica como Caririzeiro, porque Soledade se aproxima culturalmente com as cidades do Cariri paraibano.

¹⁰ O padre Ibiapina construiu um cemitério próximo a *Fazenda Malhada das Areias Brancas*, desse cemitério foram surgindo em seu entorno casas, taperas surgindo assim o território que hoje denominamos de Soledade.

¹¹ Soledade se torna cidade emancipada em 1885.

¹² Para Gervásio Batista Aranha, no trabalho **Seduções do moderno na Parahyba do norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925)**, cidades como Campina Grande e João Pessoa conviveram com signos do moderno como o trem de

Essa sedução pelos “tempos modernos” também se dava no campo dos comportamentos, principalmente, do feminino que abre suas asas para receber as novidades. Soledade não foi diferente no que se refere ao comportamento das mulheres nos chamados *anos dourados*. Pautaram-se em valores do que se esperava dela, mulher que por muito tempo foi negligenciada a sua história.

Maria Ivonete de Couto Barros (2008), ao escrever sobre as mulheres soledadenses, aponta para os papéis das mulheres na construção das famílias soledadenses, durante as décadas de 50 e 60. Elas eram educadas para o lar, para serem boas donas de casa, para serem mães, os lugares que as mulheres ocupavam, em sua maioria, eram os espaços do lar.

Como os costumes ainda eram dominados pelo regime patriarcal, a tendência era a tentativa das famílias em controlar as moças, mas mesmo assim de modo muito restrito e vigiado. Nos locais de diversão, percebe-se o cuidado que se tinha com a reputação feminina, pois os lugares públicos exigiam um bom comportamento das moças solteiras e das casadas.

Mas, apesar do rígido controle sobre algumas figuras femininas se destacaram pela ousadia em épocas passadas, se fazendo ouvir a partir de uma “voz ativa”. Essas mulheres provenientes das famílias ricas daquela sociedade fazem um documento, chamando atenção do presidente da época Getúlio Vargas em prol de reivindicações políticas¹³. Elas denunciam desmandos do governo, que estava em ação no momento desde 1937 Dr. Argemiro de Figueiredo, estava tomando atitudes extremas de perseguição às famílias dessas mulheres, como nos diz José Tiago Marinho (2010).

Quando a sede do município volta para Soledade, lá estavam elas organizando e festejando nos pavilhões. Pois, como mostra José Tiago Marinho, os festejos na cidade eram uma marca constante dos cidadãos. Tais comemorações continuam nas décadas posteriores. As festas de pavilhão era uma dessas festas que as moças da sociedade nas décadas de 50 e 60

ferro, a chegada da luz elétrica que significava ser moderno, ser civilizado. Estes esses símbolos que tinham um valor universal não só no Brasil, mas em cidades europeias.

¹³ Como por exemplo em um documento de 1939, onde um grupo de mulheres se juntaram para fazer um abaixo assinado contra a transferência da sede do centro político da cidade para Juazeiro (atual Juazeirinho). O episódio pode ser constatado no documento, é um abaixo assinado que encontra-se no Museu expedito Filgueira de Góis, na cidade de Soledade.

frequentavam. Nesses eventos, haviam competições para rainha da festa, quando os torneios se davam em torno de dois cordões o azul e o vermelho. As moças mais abastadas desfilavam, concorrendo ao título. Abaixo há duas fotografias de rainhas de festa, nas quais podemos perceber a exuberância de seus trajes, vestidas como verdadeiras Rainhas da festa (BARROS, 2018).

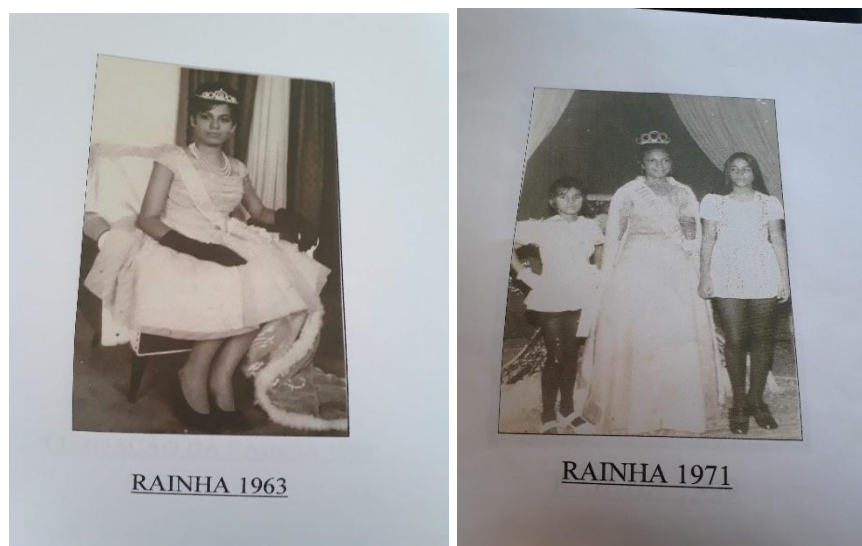


Figura 1: As fotografias acima estão disponíveis no museu expedito Filgueiras de Góis

Nestas fotografias, as moças aparecem vestidas luxuosamente, conforme a moda de época, por fazerem parte de um concurso para rainha da festa, elas aparecem com gestos delicados, com os cabelos feito penteados de forma que dê subsídio para que elas apareçam como verdadeiras rainhas.

Segundo Boris Kossoy (2014), as fotografias carregam as marcas do passado, sendo um fragmento da realidade que nos leva a perceber os elementos que constituíram uma determinada sociedade. Mesmo assim as dificuldades de se trabalhar com a fotografia são muito grandes, pois Segundo Ivanir Ribeiro(2012), muitas vezes lidamos com a falta de dados de identificação e a falta de datação nas fotografias.

Muitas dessas moças eram estudantes e se preparavam para ser professoras, pois ser professora era uma das profissões permitidas e desejadas para as mulheres em Soledade. Pois se entendia que nela, além do *status* dado pela profissão, a moça se realizaria e completaria sua função como mulher de família, ou seja, completando seus atributos de doçura e paciência. As escolas precisavam dessas profissionais para disciplinarizar os corpos, pois

a proposta de educação nas cidades paraibanas estavam dentro de um projeto maior da Secretaria de Saúde e Educação do Estado, que investia nas escolas da cidade de Soledade mandando Circulares para inspetores garantirem o bom funcionamento da escola.

Além de passar conteúdos, de formar cidadãos a escola disciplina os corpos no sentido de estar inserida no meio social e carregar valores de comportamento que são passados para os alunos dentro do meio escolar. Como afirma Guacira Lopes Louro, a escola disciplina o corpo de modo que fiquem de acordo com a norma vigente. Guacira Lopes Louro(2018) cita Corrigan que afirma “ Os corpos são ensinados, disciplinados , medidos, avaliados, examinados , aprovados ou não, categorizados , magoados , coagidos.”(apud, p.20).Dentro dessa perspectiva a escola apresenta-se como uma instituição que agrega valores, estilos de vida, que refletem no comportamento dos alunos .

Através de pequenos rastros de poucas fontes, nos indícios que pretendem contribuir um pouco para a história da educação, nos deparamos com professoras da zona rural, com a escola Gervásio Bonavides fundada em 1960 e a sua imensa contribuição para a educação do nosso município.

Segundo Inocêncio Nóbrega (1974), o analfabetismo era algo recorrente no Brasil. A Educação carecia de recursos financeiros para se efetivar dentro dessa sociedade, mas mesmo assim ainda existiam algumas escolas e professores que se destacavam¹⁴.

Nesse sentido podemos delinear um pouco dessas escolas, desses pequenos grupos escolares que foram surgindo ao longo do tempo na cidade. Segundo Inocêncio Nóbrega (1974), os pequenos núcleos educacionais do município receberam efetivação pela influência pessoas como Gervásio Bonavides, professor que teria chegado em Soledade em 1880, fundando um educandário em 1883, que teria tido efêmera duração.

¹⁴ Como em todo o Brasil o fenômeno do analfabetismo é uma constante. Soledade por ser um município ainda carente de recursos financeiros de maior monta, como são outros que o circundam ainda dispõe de pequeno número de escolas e professores. (NÓBREGA, p.45)

O autor explicita a situação precária das escolas no começo do século XX, ao apontar outros núcleos educacionais como o criado pelo professor José Pereira de Oliveira, onde ensinava a carta de ABC numa tapera. Ainda segundo NÓBREGA (1974, p.46), em 1911, o dr. José Severino Gomes de Araújo teria dirigido o colégio Luiz de Gonzaga, “onde lecionava as primeiras letras e rudimentos de literatura” Nesse núcleo educacional a quantidade de homens era superior à feminina.

Segundo ele, as mulheres também se destacavam enquanto professoras ou donas de escolas. Algumas delas deram uma contribuição educacional em nosso município, como D. Maria Figueiredo Nóbrega uma das primeiras pessoas a fundar uma escola particular. Já a professora Josefa Gomes, em 1915, fez funcionar uma escola pública. D. Rosinha Matos Dourado Diplomada que veio de João Pessoa, fez funcionar uma escola pública Estadual.

As escolas citadas acima não existem mais em nosso município, nem encontramos indícios para aprofundar as informações apresentadas. As únicas informações que temos estão presentes no livro de Inocêncio Nóbrega Filho (1974).

2.1 Educação formal: Escola Comercial Gervásio Bonavides

Nóbrega Filho (1974) faz menção a uma outra escola chamada Escola Comercial Gervásio Bonavides, segundo ele a escola teria sido fundada em 1960, com a ajuda de D. Taigy um juiz de Soledade e a freira, conhecida como Irmã Ana de Nazaré. Dessa escola, encontramos algumas fotografias.

Tecer os caminhos percorridos por essa freira e sua contribuição para a cidade de soledade requer pensarmos em como ela passa a ser lembrada e inscrita na história contemporaneidade de Soledade. Para termos uma ideia de sua atuação nessa, o próprio Hino da Cidade é de sua autoria e até os dias de hoje é cantado por todos que carregam em sua identidade as marcas de ser soledadense.

Sentinela do Cariri Soledade Deus vela por ti (bis)
Soledade cidade fraterna
Sob um céu de eterno esplendor

A história do teu povo encerra
 Grande exemplo de paz e valor
 És tão simples acolhedora e pura
 Qual Santana imortal padroeira
 Mar no cerne de tua candura
 Brilha a paz a nação brasileira
 Quem do berço o futuro ilumina
 Quem sagrou teu primeiro caminho
 Foi o labor do Padre Ibiapina
 Foi a benção do Frei Martinho
 O futuro hoje guia teus passos
 O progresso te eleva e conduz
 Mas acima de todos os laços
 És fiel ao comando da cruz
 Soledade Terra viril Soledade Brasil

Podemos ver que a letra do hino invoca valores morais ligados à religião, tendo como seu principal herói, o Padre Ibiapina. Embora seja a escrita de uma freira, portanto, de uma mulher, são as presenças masculinas que aparecem como ativas. Por sua escrita, a imagem da cidade de Soledade somente aparece como feminina quando para ser “acolhedora” e “pura” tal como a “Padroeira”. No que tange às ações de “grandeza de seu povo”, então a cidade deve ser masculina, deve ser “varonil”, como exposto em seus últimos versos: “Soledade Terra viril Soledade Brasil”.

No contexto da década de 60, apesar das mudanças em curso na cidade de Soledade, era esse modelo de mulher que predominava. Mas, pelas imagens dos álbuns de família, as jovens já apresentavam indícios de outros desejos...

Figura 2: Fotografia da turma fundadora da Escola Comercial Gervásio Bonavides 1960.



Acervo Museu Filgueira de Góis.

Nessa fotografia dos alunos que se formaram na primeira turma da referida Escola, na década de 1960, percebemos que os formandos eram compostos, substancialmente, por mais mulheres do que homens.

Um aspecto nos chama atenção porque havia o medo da maioria das escolas brasileiras misturarem o sexo feminino com o masculino dentro de uma sala de aula. Segundo Silvia Fávero (2013), esse medo está relacionado as restrições do Estado e da Igreja, no sentido de evitar possíveis contato entre moças e rapazes podendo resultar em relacionamentos indesejados

Na fotografia abaixo, figura 3, mostra estudantes da *Escola Comercial Gervásio Bonavides* de 1969, trata-se de uma festa comemorativa em que possivelmente estariam comemorando o fim de um ano letivo. Podemos perceber bebidas à mesa, refletindo uma clara descontração e entrosamento entre os estudantes. Os trajas são mais trabalhados remetendo a moda da época.

Figura 3: Turma concluinte da Escola Gervásio Bonavides ,1969



Acervo: Disponível no Museu Expedito Filgueira de Góis (Soledade).

Figura 4: Turma concluinte da Escola Gervásio Bonavides



Acervo: Disponível no Museu Expedito Filgueira de Góis (Soledade).

Como mostram as fotografias, a turma da Escola Gervásio Bonavides é formada em sua maioria por mulheres. Vemos na figura 4, que trajam uniformes iguais e que as poses das moças também têm a mesma sincronia. Com trajes compostos por blusa branca e saias plissadas ou em pregas, sapatos aparentemente confortáveis. Mas, apesar do sistema disciplinar que paira no ar, elas riem para as lentes que as fotografam.

Os ares dos anos 60 podem ser vistos em alguns dos penteados semelhantes aos bailes vistos nas revistas e no cinema pois Segundo José Tiago Marinho (2010), o cinema influenciou o comportamento dos jovens soledadenses através de modos de vestir e de pensar. No fundo da tela há casas, o que nos demonstra que a foto foi tirada na rua, ao lado da Igreja

Figura 5: Turma concluinte da Escola Gervásio Bonavides.



Acervo: disponível no Museu Expedito Filgueiras de Góis (Soledade).

Nessa fotografia figura 5, a mesma turma aparece de modo descontraído, os alunos estão sentados, alguns sorriem para a foto, outros olham com semblantes sérios, outros estão distraídos. O sol parece irradiar os rostos com o seu brilho, de modo que eles quase fecham os olhos; ao fundo, as casas emolduram a cena, casas antigas aparecem com mais nitidez, compondo a cena. Um outro elemento simbólico e que testemunha a pretensa modernidade da cidade, é imagem de um automóvel, que aparece ao fundo.

Essa mistura de elementos do moderno e do tradicional também aparecem misturados nos corpos das futuras professoras. Embora com poses semelhantes, como indica postura e linha correta de suas atitudes, alguns penteados demonstram uma sintonia com a moda de época. Alguns gestos das mãos, braços e olhares lançados querem explicitar suas singularidades.

A antiga Escola Comercial Gervásio Bonavides já não existe mais, ela foi demolida em 1979 pelo prefeito João Bosco, onde ele construiu a *Escola Fundamental Professor Luiz Gonzaga Burity*.

2.2- Escola Pe. José Antônio Maria Ibiapina

A Escola *Padre José Antônio Maria Ibiapina segundo o documento A mensagem* foi concluído entre 1948-1949 sob governo do governador Oswaldo Trigueiro. Essa escola recebia Circulares da Secretaria de Educação e Saúde, onde assim como muitas escolas da Paraíba passaria a ser pensada dentro de um projeto maior de melhorias para a Educação do Estado.

A Secretaria de Educação e Saúde mandava cartas, telegramas para inspetores cumprirem ordens de vigiar as escolas, objetivando vigiar o cumprimento das regras estabelecidas. As escolas deveriam cumprir as normas consideradas adequadas para o bom funcionamento de uma escola, pautada pelo selo do espaço físico, pelo “bom comportamento dos docentes” e o bom funcionamento da escola como um todo.

Circulares eram enviados a inspetores para que assegurassem o bom funcionamento das escolas, que deveriam focar suas atenções (que eram mais manuais de conduta) para os membros da escola. Em um *Circular* de 1952 podemos ver que a secretaria de Educação mandava que os inspetores observarem se professores estavam cumprindo bem sua função dentro das normas; se os professores tinham seus cadernos organizados; se as ausências dos professores eram devidamente justificadas. Neste caso, se as faltas fossem por motivo de doença, eles deveriam averiguar os atestados médicos para que o docente não utilizasse de má fé para fugir da sua responsabilidade em sala de aula.

Toda vez que qualquer professor interromper, por mais de trinta dias consecutivos, o respectivo exercício, deveis comunicar o fato, imediatamente ao departamento de Educação(...) Nos requerimentos de licença para tratamento de saúde, deveis anexar toda vez que duvidardes do motivo alegado uma papeleta com a palavra “suspeito”.(Circular N°2 15/02de1952)

No caso do período gestacional das professoras, os atestados de licença maternidade para que a professora pudesse assim tirar uns dias fora da escola para cuidar dos seus filhos nascidos deveriam ser devidamente autorizados. Essas licenças tinham duração de três meses.

O dia era 11 de maio de 1953, não sabemos se chovia ou fazia sol, nem qual seria a temperatura. Mais um Circular de número 6 era enviado pela *Secretaria de Saúde e Educação* para a Escola Municipal Pe. José Antônio Maria Ibiapina, destinado para às senhoras professoras. Nela, algumas normas de comportamento e conduta eram difundidas para que as professoras seguissem. Quais normas seriam essas? Exigia-se que as professoras deveriam se modelar em exemplo, em virtude, em qualidades, apresentando-se à Escola de forma que suas roupas fossem “decentes”, deveriam ir para a Escola na hora certa para poder ajudarem na entrada das crianças na Escola. Conforme consta: "1-apresentar-se na Escola decentemente vestido, antes da hora regulamentar afim de assistir a entrada dos alunos na Classe."(Circular N°6)

As professoras deveriam ensinar com maestria, incentivando os seus alunos a buscarem conhecimento. No terceiro ponto da *Circular número 6*, de 1953, dizia-se : *Inspirar aos alunos o amor aos estudos e inculcar-lhes no ânimo pela palavra e pelo exemplo, sentimento de honestidade, patriotismo e amor a verdade.* (Circular N°6-1953).

Podemos perceber que seria um dever do professor cultivar a paixão o amor dos alunos pelo conhecer o mundo, as palavras guiando-os pelo caminho do bem, da dignidade das coisas que eram consideradas corretas, conforme o modelo moral de época.

A Circular n°7/1953 trazia a mensagem de que o bom professor deveria levar em consideração tanto na vida cotidiana dos alunos quanto nas questões que permeiam o espírito dos mesmos.

O bom professor deve ter sempre a preocupação de educar os seus alunos, preparando-os para a vida prática, sem descuidar da educação cívica que burila o espírito e aformoseia o caráter.”
(Circular N°7-1953)

Em relação ao cuidado que o professor deveria ter com a “educação cívica”, refere-se a importância dada às *datas comemorativas nacionais*, que deveriam ser festejadas na escola para que os alunos tivessem assim uma

educação cívica de amor à pátria. Em 1953 o Circular N°7 era enviado pela Secretaria de Educação e Saúde.

Nenhuma data nacional deve ser esquecida no programa escolar. Memorar os feitos grandiosos da nacionalidade, venerando os vultos mais eminentes nas datas de nascimento ou de morte, eis os mais belos motivos para educar crianças no amor à pátria, continuando-lhe a história que deve ser limpa sob todos os aspectos. (Circular N°7 1953)

A escola possui um acervo, dentre vários documentos de época, *Circulares* enviados pela Secretaria de Saúde e Educação. No Arquivos de contratados e Arquivos de Materiais recebidos num desses setores, nominado como “Recebidos da escola”, onde encontram-se correspondências de vários tipos, também existe uma “relação de livros recebidos” por outras escolas do município de Soledade. Nesta consta, que em 1973, a “Escola Isolada Mista do sítio Livramento” enviou comunicado para a *Escola Pe. José Maria Ibiapina*, informando que contava com os seguintes títulos: *Hora alegre na matemática*, *Pré livro*, *As mais belas histórias* e *Bibliografia brasileira didática - suplemento*, sob a permissão da professora da zona rural, Adai Albuquerque Marinho, para que fossem reutilizados pela Escola.

Nesse sentido, podemos ter ideia dos livros que circulavam nas escolas do período, repassados de escola em escola para que pudessem ser usufruídos ao máximo pelos alunos.

**CAPÍTULO III: REPRESENTAÇÕES FEMININAS: MULHERES
PROFESSORAS E AUTODIDATAS**

Capítulo III: Representações femininas: mulheres professoras e autodidatas

3.1- Sobre as professoras

Meus tempos de criança (professorinha)

*Que saudade da professorinha
 Que me ensinou o beabá
 Onde andaré Mariazinha
 Meu primeiro amor onde andaré?
 Eu igual a toda meninada
 Quanta travessura que eu fazia
 Jogo de botão sobre a calçada
 Eu era feliz e não sabia¹⁵*

Ataulfo Alves

Começamos esse capítulo com trechos da música “Meus tempos de criança (professorinha), composta por Ataulfo Alves, para pensar como as professoras primárias marcaram o imaginário popular, como foram cantadas, como foram importantes no processo de aprendizado de crianças, que pela idade davam tanto trabalho, e ao virarem adultos vinha-se o sentimento de saudade de um tempo que ficou para trás. Conhecida nacionalmente, essa música também faz parte da memória das pessoas que viveram na cidade de Soledade no período estudado.

Neste capítulo, trataremos das mulheres professoras trazendo à tona reflexões acerca de como era ser professora em Soledade, o que era exigido, como era vista a docência, nas décadas de 50 e 60. Nessa perspectiva, traçaremos um pouco dos caminhos trilhados pelas professoras, tomando como fio condutor a história da professora Ana Pinheiro de Souto através de fotografias, analisando como elas contribuíram para a construção de um discurso sobre educação enquanto símbolo da moralidade e dos bons costumes no nosso município.

Segundo Guacira Lopes Louro (2017), são vários os fatores que determinam a educação de uma determinada época, pois se no século XIX tivemos a emergência de escolas em maior número para os homens era

¹⁵ Essa música é uma composição do cantor Ataulfo Alves de 1956 que ficou eternizada em sua voz. Essa música foi reinterpretada por outros cantores como Nelson Gonçalves.

porque não se via tanta necessidade em instruir as mulheres. O Processo de feminização do magistério está relacionado com o crescimento urbano e novas propostas de trabalho que foram surgindo para os homens, com a falta destes, as mulheres passaram a se formar como professoras em maior número que os homens.

Hoje nos parece tão natural que o saber primário tenha como principais docentes mulheres, que esquecemos que tal situação fixou-se na sociedade decorrente de um processo lento e gradual que foi se moldando aos poucos na sociedade.

3.1.1-Ana Pinheiro

Ana Pinheiro de Souto foi professora do município de Soledade por 27 anos, atuando no sítio Melancias e na Escola Pe. José Maria Ibiapina. Segundo o Documento A mensagem, o governo estava trabalhando na melhoria das “condições materiais” e “culturais” dos colégios e investindo na criação de ginásios no interior.

Para expandir e aperfeiçoar o Ensino a Secretaria colaborava com a Inspeção Seccional de Ensino, a medida em que distribuiria Circulares para orientar professores e funcionários em como deveriam ensinar e se comportar: “Distribuir pelos ginásios e colégios instruções no sentido de orientar os programas dos currículos escolares, a bibliografia de várias disciplinas, etc.” (p.127, Documento A mensagem) Desse modo a Escola Pe. José Antônio Maria Ibiapina e as escolas rurais recebiam esses Circulares.

Em 1964, Ana Pinheiro ensinou na zona rural, lá o tipo de escola era polivalente. Os alunos não eram divididos por série, conforme o acervo da Escola municipal de Ensino fundamental Pe. José Maria Ibiapina, podemos perceber através das *fichas de contratados* que o tipo de ensino da zona rural do município de Soledade funciona da mesma forma.

O Ensino primário era pensado na Paraíba, segundo o documento A MENSAGEM Apresentada a assembleia legislativa da Paraíba pelo governador José Américo de Almeida em 1951, como uma forma de contribuir para a formação intelectual e humana dos alunos: *A importância fundamental do*

ensino primário, como fator de formação intelectual e humana, justifica o particular interesse que lhe vem consagrando o atual governo(p.115)

Desse modo, o governo representado na figura de José Américo de Almeida, pretendia criar novos moldes que alicerçassem o Ensino Primário e secundário no Estado da Paraíba, através de reformas em grupos escolares, investindo na formação continuada das professoras, já que muitas não tinham o curso normal, e atendendo às especificidades do Ensino da zona Rural.

As professoras que trabalhavam nessas escolas se formavam em escolas normais ou tinham apenas a chamada *Admissão*¹⁶. O documento *A mensagem*, (p.118) informa que muitos professores da Paraíba não tinham Curso Normal e, para que não se escolhesse por questões políticas, utilizariam como requisito básico para a escolha de professoras, aquelas que tinham passado na Admissão.

Segundo o documento *A Mensagem*, as Escolas Rurais deveriam se adequar a realidade do campo:

A educação particularmente, deve adaptar-se às exigências especiais do meio rural, onde a escola representa um verdadeiro centro de comunidade como ponto de aproximação entre crianças e adultos, e meio, o mais eficaz, de formação humana, nos seus vários aspectos, moral social intelectual e profissional. (Mensagem, 1951 p. 120)

Nesse sentido o professor tinha que estar aberto às necessidades da comunidade. Quais eram essas necessidades que a comunidade possuía? Como o professor fazia para ajudar a comunidade, já que a Escola na zona rural era o centro da comunidade rural? Ao mostrar seu álbum de fotografias a professora Ana Pinheiro mostra fotografias de alguns alunos no momento do seu catecismo. Era dessa forma, que partindo de iniciativas próprias, a professora ajudava os seus alunos a se catequizarem, nos mostrando a importância dada à Religião.

¹⁶ A Admissão era uma espécie de vestibular da época que era utilizado no Brasil durante os anos 50 e início dos anos 70, em que os alunos faziam uma prova depois que terminavam o primário, com objetivos de garantir um lugar no ginásio. Ver <http://www.anosdourados.blog.br/2011/02/imagens-escola-livro-admissao-ao.html>

No caso da professora Ana Pinheiro, através das fotografias, podemos perceber que ela ajudava no processo de catequização de seus alunos, como uma medida extra partindo de iniciativa própria, o que nos ajuda a perceber como a docência era encarada de modo mais profundo, encarado como mais do que uma profissão, exercido como uma missão a ser cumprida pela professora primária que encontra em seus alunos a possibilidade de exercer sua maternidade na medida em que cria deveres para com os alunos, para além do ambiente escolar, engendrando para o cuidado deste assim como uma mãe cuida de um filho.



Figura:6 Primeira Eucaristia de Ronaldo Pinheiro .Arquivo pessoal Ana Pinheiro, Entre 1964-5 aproximadamente.

Em sua trajetória Ana Pinheiro pode contar com uma oportunidade, a de estudar no centro de treinamento de professores em Souza.

Figura:7 Ana pinheiro na frente do Centro de Treinamento em Sousa (1965 e 1968).



Fonte: Monóculo de arquivo pessoal de Ana Pinheiro.

No centro de treinamento de Sousa as professoras eram treinadas para a prática de sala de aula, que era defendida pelo Estado como estímulo à formação das professoras, era uma formação continuada, que ajudava muitas professoras em sua carreira de professora.

Figura 8: Professora Ana Pinheiro e suas colegas no Centro de Treinamento (entre 1967 e 1968).



Fonte: Arquivo pessoal Ana Pinheiro.

Nessa fotografia Ana Pinheiro estava com suas colegas no centro de treinamento de Sousa, a cena remete a um momento de despedida entre colegas do curso. Podemos analisar as vestimentas das jovens que compõe a foto, além de serem todas professoras o modo de se vestir se assemelham, o uso de saias ou vestido é algo preponderante, assim como o cumprimento das

peças de roupa obedecem a um requisito básico - tendo os joelhos como mínimo no que se refere ao tamanho das peças.

Observamos também que se trata de um momento descontraído, pelas faces da Jovem, elas sorriem, fazem sinais com os dedos e acenam para o espectador; pousam para uma fotografia de despedida, com suas malinhas nas mãos o que será que carregavam além de pertences pessoais? Talvez saudade de casa? Saudade das colegas e dos momentos vividos no centro de treinamento? Talvez até lembranças de um grande amor.

Para o historiador que se lança, no mundo de fotografias como representações do vivido, como memória imagética do que um dia foi, não nos escapa a sensibilidade de interpretarmos a imagem segundo a nossa perspectiva indo além dela e fazendo perguntas para além do dito, indo para as instancias do sentido.

Dentro de uma mala podemos carregar muitas coisas, para além de objetos, nessas malas também há momentos, afetos, experiências. Nessa fotografia, pelas personagens da Cena, podemos imaginar que havia diversos sentimentos, pensamentos, ilusões, podemos imaginar que alguém decidiu registrar um momento. O registro de uma pose que hoje se coloca diante de nossos olhos. Mas, enquanto historiadores, querendo ver além do visto, querendo sentir o que elas sentiram, olhando com nosso olhar e nos afetando com ela, tendo por base também quem somos. Pois, como afirma Roland Barthes, as afetações são culturais.

Figura 9: Professora Ana Pinheiro no Centro de treinamento de Sousa, 1968.



Fonte: Arquivo pessoal.

Nessa fotografia, figura 9, podemos ver mais uma vez um momento descontraído do dia de ir embora do centro de treinamento de Souza. Ana Pinheiro está com suas amigas, elas se encontram em um ambiente privado, o quarto. Algumas estão sentadas na cama, olham para a cama e sorriem, três estão em pé distraídas conversando e parecem não ver que uma fotografia está sendo tirada, Ana Pinheiro está no chão olhando para a foto. Todas vestem vestidos ou saias, não há nenhuma de calça, uma utiliza chapéu e outra um óculos escuros.

Figura 10: Professoras do centro de treinamento de Sousa, Arquivo Pessoal Ana Pinheiro.



Fonte: Arquivo pessoal.

Na fotografia acima, figura 10, trata-se de professoras do centro de treinamento que deram aula a Ana Pinheiro. Na fotografia podemos perceber que se trata de um momento descontraído pelas almofadas jogadas no chão, uma das professoras do lado esquerdo encontra-se sentada no chão, os semblantes dos seus rostos demonstram felicidade pelo sorriso espontâneo de algumas. Há flores em cima da mesa de centro, e suas vestimentas ao que podemos perceber elas se vestem de saias tamanho Midi, embora a que está sentada no chão pareça usar uma espécie de macacão, mas que não é jeans

A calma era considerada um atributo indispensável para as professoras ensinarem, uma condição que era aprendida por aquelas que realmente tinham nascido para ser professoras. Analisar como ser professora contribuía para o comportamento dessas mulheres é preciso pois o ato docente ultrapassa as paredes da sala de aula refletindo no próprio comportamento cotidiano dessas mulheres e em seus corpos assim como em suas vidas.

Ser professor não seria apenas passar conteúdos mas exigia também um bom comportamento, que servisse de exemplo.

Esse corpo feminino, docente se apresentaria também pelas formas de se vestir pois como nos diz Guacira Lopes Louro " O corpo é também a roupa e o acessórios que o adornam..." (LOURO p.29)

A maneira de se vestir era vista como algo que dizia muito de uma pessoa , então não ficava bem que as professoras vestissem roupas inadequadas dentro da sala de aula, nem fora dela, pois os trajes e o comportamento docente, deveriam ser transferidos para todas as esferas da sociedade, era-se professor não só na Escola, mas fora dela, tinha-se que dar o exemplo através das atitudes, através das suas vidas, de seus gestos, dos seus corpos.

Podemos perceber como ser professora era moldado nas vestimentas, afinal elas recebiam os Circulares que eram enviados para as escolas como já foi falado anteriormente, as roupas cumpriam valor fundamental visto que as professoras eram vistas como um exemplo a ser seguido.

3.2-Representações femininas: Mulheres Autodidatas

*O saber jamais poderá ser contido
 Explicado como elemento do definitivo
 Saber é reconhecer
 Que ao homem cabe a busca
 De um novo sentido
 Pensar é buscar
 A verdade, a resposta
 Nem sempre onde ela se encontra
 Esperando a gente se aproximar
 Para de novo ir embora
 Sorrindo. Incitando-nos, atrevida:
 Vem! Vem me procurar!*
(Poema Memória. Sônia Azevedo)

Neste tópico, buscaremos mostrar mulheres autodidatas que aprenderam a ler sozinhas, mostraremos aqui um pouco da história da poetisa Maria da Purificação Borges Ramos, buscando entender como essas mulheres trilharam o caminho do saber, e como conseguiram aprender a ler mesmo diante das adversidades que a vida lhes impôs.

Começamos com um poema de Sonia Azevedo, poeta piauiense que se conecta com a cidade de Soledade porque tal como seu poema nos diz, a busca pelo saber não pôde ser contida pelas autodidatas soledadenses. Sônia Azevedo nos presenteia com versos tão elaborados que nos remetem a reflexões acerca do conhecimento nas nossas vidas. Ninguém pode conter a força do querer, a força do saber quando se adentra o coração de uma pessoa que quer buscar saber; que busca saber um pouco mais, conhecer o mundo, as palavras, e tudo que o cerca. O conhecimento é infinito, está a todo momento se refazendo, se distorcendo nos provocando, nos desafiando e ao mesmo tempo afagando as nossas almas e quebrando correntes que muitas vezes insistem em nos prender.

Hoje, é muito comum meninos e meninas irem a escola, estamos em um mundo onde a maioria das pessoas a frequentam. No entanto nem sempre foi assim, num passado não muito distante de nós, presente na vida dos nossos avós, podemos encontrar muita das vezes, vestígios como poemas que são

testemunhos de vida, encontramos em um blog¹⁷ poemas da poetisa Soledadense Maria da Purificação Borges Ramos, nos mostrando dificuldades enfrentadas no que se refere a Educação que mostram o processo educacional de alfabetização como uma pedra preciosa que tem sua preciosidade por ter sido conseguida a custa de lágrima, suor e muito trabalho.

Mulheres autodidatas que aprenderam a ler sozinhas, que bordaram nas linhas de sua história, gestos e palavras mais ousadas. Uma ousadia que consistiu em traçar um ponto sozinhas, sem muita ajuda, tecendo palavras, juntando sílabas, formando nomes e construindo um sonho, de se auto alfabetizarem. Tendo como principal mestre a esperança, o esforço de juntar palavras, de decifrar e decodificar aos poucos os caminhos do mundo das palavras. Michele Perrot (2017), problematiza a questão do autodidatismo feminino, ao discutir que é uma prática recorrente em que as mulheres se esforçam dia a dia, possibilitadas por inúmeros lugares que são apropriados

Observa-se um imenso esforço autodidata das mulheres, realizado através de todos os tipos de canais, nos conventos, nos castelos, nas bibliotecas. Saber que era colhido letra por letra, furtado mesmo, nos manuscritos recopiados, nas margens dos jornais, nos romances tomados nos gabinetes de leitura, e lidos avidamente a noite, na calma sombria do quarto.” (PERROT, 2017, p.95)

Nessa citação podemos ver que são inúmeros os espaços e os lugares em que pouco a pouco o saber é capturado, é pedido é desejado. Mesmo longe de um sistema de educação formal alicerçado na Escola, muitas mulheres buscavam em seu cotidiano, elaborar saídas astuciosas para reinventar uma outra realidade onde essas mulheres autodidatas experimentaram a força do querer como principal mestre.

A mulher tinha muita dificuldade para estudar, principalmente em se tratando das camadas mais pobres. Se ter acesso à educação em meio a tantas dificuldades foi uma grande riqueza para quem teve essa oportunidade que não chegava para todos.¹⁸

¹⁷ Ver Blog <http://poesiamariadapurificação.blogspot.com>

¹⁸ Mesmo havendo uma preocupação do Estado da Paraíba com a Educação, nem todas as pessoas conseguiam viver o processo de escolarização.

Essas mulheres não se apresentaram aqui, embora parecessem corpos dóceis, manipulados, acabavam criando brechas no cotidiano, tal como demonstrou Michel de Certeau (2014). Pois, se negando a aceitar o que a realidade lhes impôs, elas aparecem como (re) inventoras do seu cotidiano, das suas vidas pelo juntar palavras, por ultrapassar os desafios, por resistirem...

3.2.1-No meio do caminho tinha uma poeta: Maria da Purificação Borges Ramos

Uma das formas utilizadas pelas mulheres para expressar sentimentos, opiniões e tecer assim novos bordados, em que as colocaria as mulheres na esfera pública através da realização de trabalhos, e do ato de estudar, foi a escrita de poesias. As mulheres muitas vezes utilizaram a escrita como o seu maior refúgio. Refúgio esse que nos legou importantes escritas femininas.

Segundo Ana Maria Coutinho de Sales (2005), no cenário paraibano escritoras como se destacaram por escritas inscritas em cenários considerados proibidos para a mulher se expressar. Mulheres ousadas ou mulheres que apenas queriam se expressar? A ousadia consiste em terem feito da escrita suas vidas, não se deixando amedrontar pelas críticas e múltiplos papéis que a sociedade culturalmente sempre encarregou de definir, assim como criar lugares e definir o que seria do masculino e do feminino. As palavras certamente, pelos costumes e definições do que seria do feminino, não deveriam fazer parte de suas vidas, mas fizeram.

Durante a década de 70, uma mulher se apaixonaria pelas palavras, pois como disse George Sand¹⁹ (pseudônimo de uma mulher escritora), “O ofício de escrever é uma violenta e quase indestrutível paixão.” (PERROUT, apud p.98) com o mundo do escrito, através da escrita de poesias que a ajudaram a ver, a sentir o mundo que a rodeava, com suas dores e seus clamores. Trata-se da poetisa Maria da Purificação Borges Ramos. Quem foi essa mulher?

¹⁹ Ver “Minha história das mulheres” de Michele Perrot.

Maria da Purificação Borges Ramos foi uma poetisa de origem humilde, natural da cidade de Gurjão -Pb que viveu em soledade após contrair matrimônio com o soledadense José Cavalcante Ramos no ano de 1949.

Segundo José Tiago Marinho, no seu livro *Além da pedra e do cal* *Soledades sensíveis e Invisíveis* (2013), a poetisa teria sido alfabetizada pela ajuda da literatura de cordel, não tendo as bases de uma educação formal.

D.Maria Borges não frequentou escola, sendo alfabetizada por uma vizinha, que possivelmente ofereceu-lhe folhetos de cordel para auxiliar na aprendizagem, logo Maria pegaria gosto pelos folhetos e durante sua juventude começaria a escrever seus próprios versos. (MARINHO, p.86)

No Nordeste, desde o começo do século XX, vendedores e os próprios cordelistas costumavam dispor seus folhetos de cordel²⁰ em feiras, de cidade em cidade. Era assim que a população se informava sobre os últimos acontecimentos locais e no mundo. Dessa forma, em cidades menores, ao exemplo de Soledade, a circulação dos folhetos poderia ser uma das poucas vias de comunicação. Daí alguns pesquisadores, ao exemplo de Ana Maria de Oliveira Galvão (2010), afirmarem que muitas pessoas acabam sendo alfabetizadas através dessa literatura. Este parece ser o caso da poetisa Maria da Purificação Borges Ramos.

Assim através da sua história a poetisa constituiu uma identidade²¹ soledadense através dos laços criados nessa cidade. Seu Blog é composto por poesias que escreveu durante sua vida, sobre diversos temas, amor, solidão, Educação e todos os sentimentos humanos que os seres humanos podem sentir.

²⁰ Ficaram conhecidos como literatura de cordel os folhetos presos em barbante que eram vendidos nas feiras, essa denominação no Brasil foi atribuída por esse tipo de literatura se assemelhar a um tipo de literatura desenvolvida em Portugal denominado literatura de cordel.

²¹ Segundo Guacira Lopes Louro(2017), através da cultura da história compomos nossas identidades: "Reconhecer-se numa Identidade supõe pois responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência "(p.13).

Ao nutrir, estabelecer, se identificar com determinado meio é adquirir pertencimento que está ligado a um ponto de referência, que no caso da poetisa é a sua própria história, o seu matrimônio, a criação de raízes e laços com um lugar.

No poema “Soledade”, a poetisa nos mostra como foi construindo sua identidade com a cidade de Soledade.

Nasci lá em outras terras
 Bem diferente é verdade
 Mas o destino me trouxe
 Pra conhecer soledade
 (...)
 Por isso é que de minha terra
 Não posso sentir saudade
 Procurei meu agasalho
 Nas sombras de soledade

Soledade é vista como um aconchego que a vida lhe trouxe, pelo destino, pelo matrimônio, pela sua vivência na cidade que a aproximou dos hábitos, costumes, pessoas, lugares e espaços trilhados que a ajudaram a aprender a amar e se identificar como uma soledadense. Nesse processo de construção de uma Identidade com a cidade, ela não sente mais a saudade da cidade onde nasceu.

Ao ver seus escritos que estão presentes no blog ,vejo que a primeira poesia dela foi “Minha infância”, escrito em 1971.

1º poema - 1971

Na minha infância descuidada,
 Quando eu parava, às vezes,
 Adiante de quem eu lia,
 Em cada sílaba, em cada frase, observando...
 Ah! Que inveja cruel que eu sentia!

E pensava comigo:
 Eu hei de ver um dia a luz da
 Ciência brilhar em meu redor.

Comecei a tentar com vigor, com ironia,
 Formando as sílabas sozinha,
 Como achei melhor.

De pouco a pouco, fui realizando
 O mais lindo sonho que imaginava
 Ao fazer meu nome sozinha

Parecia estar sonhando
E nem todos que viam, acreditavam.

Com tristeza, não pude estudar
Pois o trabalho, cobrou um alto preço
E pobre, como eu era,
Obedecer foi a solução.
Hoje o pouco que sei, agradeço
A um Deus, que foi bom mestre
E me deu a inspiração.

Minha infância, que ficou tão triste
Não me ensinou conhecer belezas mil
Mas por mim mesma sei,
Quanta grandeza existe
Nas letras do nome
Desse meu Brasil.

Nesse poema, ao tratar das dificuldades de acesso à educação formal, ela também vai explicitando - com um tom melancólico e ao mesmo tempo de gratidão -, como constrói-se enquanto mulher forte em busca de seus sonhos. Por pouco a pouco ir conseguindo realizar o seu sonho de escrever o seu nome. Além disso, podemos ver a esperança como alicerce, esperança em ver o conhecimento se desfolhar, desabrochar na sua vida.

A economia da Cidade de Soledade era voltada para a agricultura, criação de animais, feirantes, onde essas pessoas não detinham da mesma condição de vida que as pessoas mais abastadas. Enquanto os ricos eram donos de comércios, grandes fazendeiros donos de terras, os pobres ficavam longe dos privilégios que quem tinha dinheiro poderia desfrutar, como idas a Escola e todos os mecanismos de uma cidade dita moderna. Pois, como afirma José Tiago Marinho (2010), com toda a sua pompa que o cinema, clubes recreativos poderiam oferecer para os que tinham posses.

Podemos perceber no poema acima, que as causas que impediram a poetisa de ter uma educação formal foi o trabalho. Ela nos mostra que as tarefas domésticas camuflavam uma “infância descuidada” para as palavras, para a Escola. Lembrando que ela era filha de agricultores, sendo agricultora e dona de casa também, não tendo condições para desfrutar dos signos do Moderno como a ida a Escola .

Outro poema que trata dessa questão das dificuldades educacionais é o poema “Tempo de criança”:

No meu tempo de criança
Não era fácil estudar
Todo mundo era obrigado
A viver de trabalhar

Eu não frequentei escolas
Não aprendi português
Não estudei matemática
Não entendo nada de inglês

Lá não havia professores
Se alguém quisesse aprender
Tinha que pagar alguém
Que ensinasse a ler e escrever

No meu caso, foi difícil
Pois meu pai não possuía
Dinheiro suficiente
Pra ver se a gente aprendia

Mesmo assim ele tentou
Os filhos alfabetizar
Graças a Deus conseguiu
Seu sonho realizar

Embora não tenha estudado
Com isso me sinto feliz
O pouco que aprendi
Valeu pelo esforço que fiz

Nessas estrofes podemos ver as dificuldades colocadas pela poetisa no que se refere ao acesso à educação, a falta de recursos financeiros que impediram as bases de uma educação formal.

No entanto, apesar das dificuldades financeiras podemos ver como ela se orgulha em ter lutado, a partir dos outros mecanismos que dispunha, para ver o seu sonho se transformar em realidade: o sonho de aprender a ler, que significa a real felicidade para a poetisa. Quem lutou mais que essas? Quantas lágrimas foram derramadas por mulheres assim como ela? Sentindo-se incapazes e ao mesmo tempo com uma vontade que lhes tomavam o coração. Quantas mulheres assim como elas se depararam com as dificuldades cotidianas? E quantas assim como ela conseguiram vencer suas dificuldades.

Considerações finais

Portanto podemos perceber como o processo de Educação na cidade de Soledade nos anos 1950 e 1970, tanto no que se refere a educação formal como na Informal pode ser tomado como um cenário para refletirmos sobre a constituição do lugar de formação para as professoras e outras figuras femininas da época.

Soledade, assim como muitas outras cidades Paraibanas, estava dentro de um projeto maior de Educação do Estado, no qual buscava-se o melhoramento das escolas, mas também empenharam-se na vigilância do comportamento de suas professoras.

Nesse sentido, as professoras eram vistas como mestre, como uma profissional que deveria ter calma, candura doçura e ser um exemplo a ser seguido pelo seus alunos. Desse modo as professoras se tornaram um objeto, seus corpos viravam instrumento para fazer ecoar desejos de civilidade, de honra, de moral criando uma moral intrínseca ao magistério, onde as professoras deveriam seguir códigos de vestimentas, e de comportamento. Sendo assim, pudemos perceber como se construiu uma moral para o ser professora durante o período, que ecoa até os dias de hoje.

No processo de Educação informal vimos como mulheres fortes, e corajosas não se deram por vencidas, não se contentando com a sua realidade de não terem a oportunidade de estudar, que mesmo com as dificuldades enfrentadas elas lutaram para conseguir se alfabetizar sozinhas.

Mulheres professoras e autodidatas se misturam nessa narrativa, querendo nos mostrar a importância dada ao processo de alfabetização, da importância do conhecimento em suas vidas. Portanto, tanto para as professoras que ensinam, como para as autodidatas que são donas de casa que em meio ao mato, a roça, aos filhos, as obrigações do lar, queriam bordar outros bordados para além dos retalhos espalhados pela casa, pelas colchas, elas queriam mais, queriam ler o mundo, as coisas, a vida.

Referências

ALBUQUERQUE, Durval Muniz Junior. **Violar memórias e gestar a história:** abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. Natal, 2006.11p.

AREND, Silvia Fávero. “Trabalho, escola e lazer” IN: **Nova história das mulheres no Brasil**. Org. PINSK, Carla Bassanezi. PEDRO, Joana Maria.1ed São Paulo, contexto,2013.

BARROS, Maria Ivonete de Couto. **Uma história de gêneros:** Mulheres e homens na construção das famílias de Soledade (1950-1960). (Trabalho de conclusão de curso) Campina Grande,2008.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. 3. Ed. Belo Horizonte. Autêntica Editora. 2011.

Bosi, Ecléa. **Memória e Sociedade:** Lembranças de Velhos. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras , 2007

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano:** as artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel leitores e Ouvintes** -2ed.Belo Horizonte:Autentica:editora,2010.240p

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História e Gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

KOSSOY,Boris. **Fotografia & História**. 5. Ed. São Paulo. Ateliê Editorial, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado:** pedagogias da sexualidade. Tradução de tomas Tadeu da Silva-4ed.Belo Horizonte:autêntica,2018.

NÓBREGA FILHO, Inocêncio. **Malhada das Areias Brancas ou história de uma cidade**. Fortaleza: Escola Tipográfica São Francisco, 1974.

MARINHO, José Tiago.**Muito além da pedra e do cal:**Soledade Sensíveis e (In)visíveis.Queimadas, gráfica cópia de papéis,2013.

MORGADO, Belkis Frony. **A solidão da mulher bem casada**: um estudo sobre a mulher brasileira. 4 ed., Rio de Janeiro Jose Olympio, 1987.

LIMA, Valéria Aparecida. **Gênero e maternidade**: as normalistas e suas práticas escolares no grupo escolar Idefonso Mascarenhas da Silva (1940 a 1950) no interior das Gerais. FAPEMIG, Minas Gerais, 2009.

PINSK, Carla Bassanezi. **Mulheres nos anos dourados**, 1 ed. Editora contexto: 2014.

PRIORE, Mary, De. I(org) **História das mulheres no Brasil**. 2 reim. 9: ed., São Paulo contexto, 2010.

PRIORE, Mary, De. I(org) **História das crianças no Brasil**: 6 ed. São Paulo contexto, 2007.

PERROUT, Michele. **Minha história das mulheres**. Tradução Ângela M.S. Côrrea. 2 ed 5 reim. São Paulo: Contexto, 2017.

PEREIRA, José Tiago Marinho. **Da Belle Époque aos anos dourados, rastros de modernidade em Soledade**. (Trabalho de conclusão de curso) Campina Grande, 2010. Universidade Estadual da Paraíba-UEPB

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: autêntica, 2005.

RIBEIRO, Ivanir. SOUZA, Luani de liz. **Corpos escolares, leitura de imagens: o uniforme escolar na escola técnica Federal de Santa Catarina** IN: **Objetos da escola**: espaços e lugares de constituição de uma cultura material GASPARG, Vera Lúcia Silva. (Santa Catarina-séculos XIX e XX) Florianópolis: insular, 2012.

SALES, Ana Maria Coutinho de. **Tecendo fios de liberdade** (Dissertação de doutorado) Recife, 2005. Universidade Federal de Pernambuco-UFPE.

Arquivos da Escola Pe. José Antônio Maria Ibiapina

Acervo do Museu Filgueiras de Góis- Soledade-PB

Acervo Pessoal Ana Pinheiro Souto

Blog <http://poesiamariadapurificação.blogspot.com> Acessado em 14 de maio de 2019.